

DO XÁ AO AIATOLÁ:

As representações sobre a Revolução Iraniana
através da Revista *Veja* (1978-1979)*

DAVID ANDERSON ZANONI**

RESUMO

Nosso objeto de análise neste artigo é a revista semanal *Veja*. Procurar-se-á fazer a análise do conteúdo do periódico acerca da Revolução Iraniana em 1979, a qual decretou o fim da monarquia de 58 anos da chamada Dinastia Pahlevi e deu início a República Teocrática Islâmica do Irã, evento amplamente noticiado pelo semanário. Portanto, a proposta deste artigo contempla a análise de periódicos como fontes para o estudo da história na imprensa e, a partir disso, observar as representações criadas por *Veja* em torno da sociedade iraniana e sua cultura na imprensa periódica no Brasil. A escolha temática e o período se justificam pela problemática que conduz a pesquisa.

Palavras-chave: Irã, Revista *Veja*, Revolução iraniana.

ABSTRACT

Our object of analysis in this paper is the weekly magazine *Veja*. Search will do the analysis of the content of the journal about the Iranian Revolution in 1979, which decreed the end of the monarchy 58 years of Pahlevi Dynasty called and had begun Theocratic Islamic Republic of Iran, an event widely reported by the weekly. Therefore, the proposal since the article includes analysis of journals as sources for the study of history in the press, and from this, observe the representations created by *Veja* around the Iranian society and its culture in the periodical press in Brazil. The choice of subject and the period justified by problems that conducts research.

Keywords: Iran, magazine *Veja*, Iranian Revolution.

* Parte do projeto apresentado como proposta de Dissertação ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH-UPF). Artigo recebido em junho/ 2013. Aprovado para publicação em setembro/2013

** Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo - PPGH/UPF. Bolsista CAPES. E-mail: david_zanoni@hotmail.com

Em fins de 1978, as telas das TVs do mundo inteiro mostravam um espetáculo surpreendente e inesperado. As ruas das principais cidades do Irã enchiam-se de manifestantes que, lançando vivas ao imã Khomeini, reclamavam o fim do governo, uma monarquia encabeçada pelo xá Mohammed Reza Pahlevi (COGIOLLA, 2008, p.17)

A partir de setembro de 1978, Teerã, capital do Irã, foi tomada por uma crescente onda de manifestações populares que exigiam a deposição do xá Mohammed Reza Pahlevi. Seu governo, uma monarquia que perdurava 37 anos, era contestado por uma população cada vez mais descontente em virtude da repressão política estatal, das diferenças sociais gritantes, além da exploração e das más condições de trabalho, sobretudo, dos funcionários das petrolíferas. A partir de 1963, Mohamed Reza Pahlevi, iniciou um conjunto de medidas e reformas político-econômicas e de infra-estrutura que visavam modernizar o Irã. Objetivando tornar o país uma potência regional, nos moldes ocidentais, o monarca dera início a um conjunto de medidas governamentais que foram chamadas de “Revolução Branca”. Entretanto, tais reformas não contemplavam o bem estar de grande parte da população iraniana, a qual sofria com sérios problemas assistências na saúde, educação e inexistiam praticamente leis trabalhistas.

[...] as reformas do xá aprofundaram a secularização e a ocidentalização no Irã o que não agradou em nada os líderes religiosos que detinham grande influência sobre a população. Os religiosos entendiam que tal modernização infringia os costumes islâmicos e deturpavam a cultura do país. O xá ficou conhecido a partir de então como “inimigo do islã (AZEVEDO, 1999, p.398)

Com o passar dos anos, as contestações populares a política excludente e de privilégios as elites dirigentes iranianas, além da abertura do país ao capital estrangeiro, sobretudo, estadunidense, foram se agravando e tomando contornos irreversíveis. A partir disto os líderes religiosos utilizaram-se deste mote popular para instigar a população já descontente com o discurso de ocidentalização e “destruição” dos costumes islâmicos, enraizados na sociedade iraniana a gerações. Cabe ressaltar que as mesquitas foram os locais de organização para a insurgência iniciada em 1978.

Os acontecimentos relacionados ao tenso momento político-social iraniano seriam acompanhados e noticiados incessantemente pelos meios de comunicação de massa. Assim, tomando este fervor midiático como referência, buscou-se saber como tais fatos estavam sendo reportados pela imprensa brasileira. Desta forma, chegamos ao periódico semanal *Veja*. A revista noticiou, quase semanalmente, exceto com algumas raras edições de pausa, todo o desenvolvimento da Revolução no Irã desde 1978, quando se deram as primeiras manifestações populares contra o regime, até a queda da Monarquia em 1979, com a fuga do Xá Mohamed Reza Pahlevi, iniciando seu exílio nos Estados Unidos. Posteriormente o semanário acompanhou a instauração da República Teocrática Islâmica Iraniana, dirigida pelo líder e mentor religioso Aiatolá Ruhollah Khomeini.

Neste artigo, iremos analisar como *Veja* abordou o período dito pré-revolucionário até a queda da Monarquia em 1979. Tal análise procura contemplar, através da análise discursiva do periódico, as construções representativas dos iranianos e como o movimento popular é

apresentado ou representado na mídia impressa brasileira, além das relações internacionais com os Estados Unidos e União Soviética no contexto da Guerra Fria. Procuraremos observar qual o posicionamento da revista em torno dos acontecimentos reportados, portanto, enquanto discurso ideológico. Esse pressuposto se deve ao que entendemos de imprensa não despreocupada, a qual tem clara posição sobre o que expõe, mesmo que, na maior parte das vezes implicitamente. Nas palavras de Bethania,

O ato de noticiar (...) não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzam-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores. Além desses fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico em que divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias (MARIANE, 1999, p.102-121)

Tais critérios incluem os chamados valores-notícias que, segundo Silva, “*não são simples marcas de seleção, mas, mais importante, são marcas de representação; uma vez que a seleção seria um “ato ideológico de representação”.*”¹ Procurar-se-á observar, portanto, como o periódico noticia os eventos ocorridos no Irã entre 1978 a 1979 analisando, por meio de categorias da análise do discurso, que representações o discurso da revista forja a respeito do país, de sua população, de seus líderes e de seu projeto teocrático.

Neste trabalho, estamos compreendendo o conceito de representações a partir da leitura de Roger Chartier. Segundo este autor,

As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 91-110)

Nossa proposta contempla a utilização da análise do discurso como referencial metodológico a partir da qual se pretende observar a construção discursiva de *Veja* sobre o Irã no recorte temporal já citado. Como prática do campo da lingüística tal análise discursiva nos proporciona compreender as construções ideológicas presentes no texto do periódico semanal *Veja*.

1 SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091> acesso em 06/10/12 às 09h:43min.

A escolha da Revista *Veja* deve-se pelo seu intenso enfoque aos fatos ocorridos no Irã no recorte temporal supracitado, além do fácil e irrestrito acesso através de seu acervo digital. Além disso, *Veja* é destaque entre o segmento de revistas informativas devido ao seu poder de circulação no país.

O discurso em si é uma construção lingüística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto social-político em que vive seu autor. Mais que uma análise textual, a análise do discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão.²

Percebendo a latência de temas remetidos à Revolução Iraniana pela mídia nas últimas décadas (fundamentalismo, terrorismo, teocracia, repressão) visamos avaliar tais recorrências através do referencial teórico-metodológico historiográfico. Cabe ressaltar que este estudo é uma parte inicial de um projeto maior, aonde procurar-se-á fazer um estudo mais amplo do semanário *Veja* acerca da Revolução Iraniana em 1979 e o decorrer da primeira década do governo da República Islâmica até 1989, ano da morte do Aiatolá Khomeini.

Também consideramos importante citar, como referência teórica em nossa proposta, o trabalho do historiador Edwar Said, em seu clássico *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente* de 1978. Nesta obra, reimpressa pela terceira vez em 2003, Said analisa como o termo orientalismo foi utilizado para a construção de uma representação do Oriente no Ocidente. Essa construção fora realizada com bases ditas acadêmicas e científicas, pois se baseavam em pesquisas, dos chamados orientistas, nas mais diversas áreas do saber: biologia, filosofia, lexicografia, história, geografia, etc. Assim, tais estudos tinham respaldo na erudição e intelectualidade, o que, segundo Said os tornavam imparciais, objetivos e sérios.

Num contexto de dualismo/maniqueísmo cultural, que busca, por vezes, reforçar o discurso diferenciador entre Oriente e Ocidente, propõe-se discutir e analisar que elementos, visualizados no conteúdo do periódico, podem contemplar e reforçar esta hipótese de construção e/ou reconstrução da representação sobre o *outro*, por meio da mobilização do contexto iraniano pela mídia nacional.

No Ramadã, escalada terrorista

Na edição 521 de 30 de agosto de 1978, *Veja* trazia uma nota na sessão internacional reportando o incêndio de um cinema na cidade de Abadã, vindo a matar aproximadamente 377 pessoas. O ataque ao cinema seria, segundo a revista, um ataque terrorista a um símbolo ocidental, o cinema, o qual contribuía para a deturpação da tradição islâmica, componente da política ocidentalizante do xá Mohamed Reza Pahlavi. Tal ação consistia, portanto, uma “resposta aos ímpios”. Mesmo considerando a possibilidade de o atentado ter sido efetuado pela própria polícia do xá, a SAVAK³, para “desacreditar a posição e justificar uma posterior campanha de repressão contra os adversários do regime”, *Veja* afirma que “as suspeitas maiores, porém, recaem sobre a ala mais delirante dos muçumanos xiitas, ferrenhos adversários do xá”, enfatiza também que estes não estariam nem respeitando o mês sagrado de orações e jejum islâmico, o Ramadã. Ao final da nota, com certo tom de ironia, a revista

2 Cf. PORTO, Gabriela. Análise do discurso. Artigo disponível em www.discurso.ufrgs.br acesso em 05 de novembro de 2012 às 14h23min.

3 Polícia política do Xá Mohamed Reza Pahlavi.

lembra que em oito meses de protestos contra o regime do xá houve também vários “ataques a bancos, bares e restaurantes – para advertir os ímpios de que o Corão, também proíbe beber e cobrar juros sobre empréstimos”. (VEJA, 1978, p.31).

Assim, neste estudo, propomos a ideia de utilizar o conceito de orientalismo, capitaneado por Edwar Said, já citado, ao nosso objeto de estudo, a revista semanal *Veja*. Tal propósito se deve por entendermos que, a partir da análise de conteúdo do semanário, os elementos observados nele exemplificam algumas das preocupações levantadas por Said em sua obra. Por exemplo, o dualismo entre Ocidente e Oriente onde se constrói um paradigma de “sociedade inimiga” em torno da cultura islâmica, como veremos, no conteúdo de *Veja*. Mesmo que de forma implícita, por vezes, tal elemento não deixa de ser mantido, no que podemos entender como uma maneira de construção de uma representação do Oriente Médio ou islamismo, neste caso do Irã, e da cultura e religião islâmica desta região aos leitores da revista.

O Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”. É antes a distribuição de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filosóficos; é a elaboração não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filosófica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente. (SAID, 2003, p.40-41).

Na reportagem de capa da edição 546 de fevereiro de 1979, a revista trazia o seguinte título: “*As chamas do Islã*”. A conotação com a religião islâmica é uma constante na reportagem de capa que segue. Nesta edição *Veja* faz um panorama dos eventos em Teerã a partir da volta de Khomeini, dando a entender, portanto, que a volta do líder teria instigado ainda mais as massas na tomada total desmobilização do governo anterior, ou seja, a volta de Khomeini é entendida como um “divisor de águas”, nos eventos acerca do processo revolucionário.

“[...] bastaram onze dias, da presença de Khomeini em Teerã, após um exílio de quinze anos [...] para que a insurreição iraniana ganhasse os contornos definitivos de uma revolução. [...] um verdadeiro assalto popular ao poder...” (VEJA, 1979, p.34)

A ligação de intransigência e violência ligada ao líder Ruhllloh Khomeini é constante nas reportagens. As imagens normalmente trazem a figura do aiatolá junto a tanques de guerra, armas e aos conflitos em Teerã. Quanto ao xá, a revista limita-se dizer que seu governo de 37 anos fora conduzido com “mãos de ferro”. O periódico não deixa de frisar que junto às ações da massa: ataques a prédios públicos, polícia, bancos, ou seja, o caos generalizado,

sempre ouviam-se gritos de exaltação ao líder Khomeini.

Com relação ao caráter religioso, o semanário preocupa-se em deixar cristalizada a estreita ligação entre o islã e a política. Em praticamente todas as páginas que seguem, a questão religiosa como vetor político e contestatório é mencionado. Assim, o islamismo toma contornos, por vezes, fanáticos e extremos. Inclusive, nesta edição, existe um Box exclusivo para tratar tal assunto, com o título: *“a contestação política em nome de Alá”*.

Estado de alarma: A revolta contra o xá Reza Palhevi ameaça derrubar o regime e preocupa as superpotências

Reportagem da edição 531 de oito de novembro de 1978, aonde as tensões no Irã encaminhavam o país a uma revolução sem precedentes na história contemporânea do Oriente Médio. O componente a mais nesta chamada, contudo, está explicitada no próprio título da notícia, a preocupação das superpotências, o que podemos traduzir como a preocupação dos Estados Unidos e União Soviética. Não era para menos, pois os estadunidenses, por exemplo, dependia dos fornecimentos de petróleo iraniano, algo em torno de 700 mil barris diários, cerca de 4% do consumo interno dos yankes. Outro fator lembrado pela revista nesta edição se deve a importância, como mercado consumidor, que o Irã representa aos Estados Unidos.

Segundo o semanário “os vínculos criados entre os dois países tornaram-se de tal ordem que seria impossível rompê-los bruscamente sem trazer graves conseqüências – inclusive para a economia americana” (VEJA, 1978, p.42). Além de o Irã, também nas palavras do periódico ter se tornado “o maior comprador de armas do mundo”, o que em termos de exportação de armas representa nada mais nada menos que 50% de toda a venda dos Estados Unidos na indústria bélica e dão emprego a 200 mil pessoas, cerca de quarenta e três mil técnicos e analistas militares estadunidenses trabalhavam no Irã para dar suporte aos equipamentos vendidos pelos americanos. (VEJA, idem).

Vale ressaltar, inclusive, que em tempos de Guerra Fria, em termos geopolíticos, o Irã era um belo ponto estratégico para os Estados Unidos observarem os “inimigos soviéticos”. Esse conjunto de fatores econômicos, políticos e geopolíticos em um contexto internacional tenso, justificam perfeitamente a preocupação da Casa Branca para com a situação iraniana pré-revolucionária.

Em Moscou, entretanto, a queda do xá é vista com bons olhos por um lado, e com maus por outro. Por um lado o alinhamento, político e econômico com os EUA ao longo do governo de Mohamed Reza Pahlevi a partir da década de 1940, sempre fora um problema para a URSS em termos de acordos com os iranianos, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, além de representarem um perigo aos soviéticos pelos 2500 km de fronteira com o país. Por outro lado no Kremlin, segundo *Veja*, “julga-se que no lugar do muitas vezes pragmático Pahlevi poderia surgir alguma liderança militar ou religiosa ainda mais hostil à URSS”. (VEJA, idem).

Cheiro de Revolução: O governo militar empossado no Irã pode não significar uma mudança radical. Mas abre-se um período em que o próprio xá está ameaçado

Na edição número 532 do dia 15 de novembro de 1978, *Veja* faz um prognóstico sobre os eventos no Irã dando um caráter revolucionário em processo no país. Nesta edição destaca as tentativas do xá, de últimas horas, para tentar contornar a situação e, assim, evitar

a queda da monarquia. A instauração de um governo militar e a caça de políticos corruptos seriam medidas, apontadas pelo periódico, para acalmar os ânimos da população insurgente e cada vez mais insatisfeita com a política monárquica do xá.

Segundo *Veja* “os regimes militares, como se sabe, servem para garantir a lei e a ordem e restabelecer a harmonia com um mínimo possível de arranhões ao *status quo*”. (VEJA, 1978, p.38). A ideia do monarca, portanto, era

“ganhar uma sobrevida. Com a mão forte dos militares, seu reinado poderia recuperar a confiança perdida ao longo dos últimos acontecimentos – e tudo voltaria ao normal”. (VEJA, idem).

A partir da página 40, o semanário trás, através de um Box, uma problemática intitulada “O que querem os mullahs e ayatollahs?”. (VEJA, 1978, p.40). Tal pergunta remete a, nos parece, outra pergunta: qual o objetivo dos religiosos iranianos nos eventos, reportados por *Veja* a algumas semanas? Para tentar responder tal pergunta a revista começa analisando o personagem tido como “líder da facção mais radical dos muçulmanos chiitas⁴, a religião de 93% dos 34,5 milhões de iranianos, o ayatollah Ruhollah Khomeini”. (VEJA, idem). Somam-se a esta questão outras, por exemplo: Quem são, afinal, os muçulmanos chiitas? Qual a razão de sua avassaladora influência numa insurreição que mobilizou desde intelectuais e universitários até comerciantes e profissionais liberais?

Seguindo a análise, a partir de Khomeini, o semanário procura deixar claro a visão do aiatolá sobre o Ocidente. “Segundo ele, há três grandes males a serem extirpados de seu país: a dinastia Pahlevi, se preciso por rebelião armada, a dominação americana e a aliança com Israel”. E a partir desses critérios de análise *Veja* conclui que os leitores não teriam dificuldade alguma em imaginar o que representaria um realinhamento do Irã “na explosiva questão do Oriente Médio”, “um dos países militarmente mais poderosos do mundo islâmico”. (VEJA, idem.).

Segundo a *Veja* o pensamento de Khomeini não representa a maioria dos iranianos xiitas, mas admite que sua influência como dos demais sacerdotes é decisiva “em função da sua própria doutrina religiosa”. A revista também apresenta uma síntese, neste Box sobre as diferenças da crença xiita e sunita do islã. Ao apresentar os xiitas, frisa que estes “têm o dever de *erguer a voz ou a espada*⁵ contra todo poder que se revele injusto” (VEJA, idem).

Outra questão lembrada nesta edição pela redação é a importância das mesquitas no processo revolucionário, nas palavras do periódico, “foi nelas que, com base no costume chiita de discutir, após as orações, temas religiosos e políticos, começou a desenvolver-se a contestação à violência do regime, à corrupção e à integração forçada do país no campo ocidental”. (VEJA, 1978, p. 41).

Para a revista, “o sonho dos ayatollahs talvez seja reconverter todo o país ao ritmo imutável que até hoje se observa na santa Qom”. Cidade aonde os religiosos se orgulham de não haver símbolos ocidentais como, antenas de TV, cinemas, bares com bebidas alcoólicas, etc., que desviem os fiéis do islamismo ou “os mais vulneráveis”.

Finaliza esta nota com outro questionamento, ao conceber a possibilidade de uma troca de regime, ou seja, a queda da monarquia do xá para um regime governado pelos preceitos religiosos do islamismo xiita, “seria possível voltar a esse dia-dia num país onde

4 Nesta e em outras edições a revista trás o termo chiita com ch, o qual normalmente se lê com x.

5 Tópico do artigo apresentado na página 40 da edição n°. 532.

hoje se constroem centrais nucleares, há intermináveis filas de congestionamento de trânsito e faturam-se 60 milhões de dólares diários com exportações de petróleo?”. (VEJA, *idem*). Em outras palavras, em nossa interpretação, segundo o semanário, um enorme retrocesso.

O Regime por um fio: As exportações estão suspensas. Há rumores de golpe de Estado. Greves paralisam as atividades essenciais. É o fim do governo do xá?

Na edição 539 de janeiro de 1979, *Veja* retrata o caos generalizado gerado pela situação conflituosa presente no Irã. As greves no setor do petróleo e dos principais serviços públicos, bancos, repartições públicas, somados aos protestos e embates mortais nas ruas das principais cidades do país, sobretudo Teerã, entre a população e o exército, ainda leal a monarquia, configuravam um ambiente de incertezas aonde a qualquer momento poderia haver a queda definitiva da monarquia. Caberia saber se essa queda se daria por um golpe militar ou por abandono do trono pela família real dos Pahlevi.

Nesta edição, *Veja* estava representada na capital iraniana pelo jornalista Marco Antônio Rezende, o qual procurou entrevistar especialistas, normalmente professores universitários iranianos, em diversas áreas do conhecimento, economia, política, História, para buscar respostas aos questionamentos levantados pelo periódico ao começo deste exemplar.

“Desafortunado o Rei que tem apenas uma cabeça. Parece concentrar sobre ela todo o seu poder somente para indicar ao primeiro ambicioso o lugar onde encontrará a inteira” (Montesquieu, em “Cartas Persas”). (VEJA, 1979, p.36)

Veja, através da citação de Montesquieu, aponta o que nos parece, seu entendimento e como vê o resultado dos 37 anos de governo despótico de Mohamed Reza Pahlavi, aquela altura “por um fio”. O que poucos anos atrás parecia “um reino encantado”. A óptica, entretanto, do periódico para entender o Irã como um Oasis da modernidade e da economia, devido às abundantes reservas de petróleo, mostraria nas páginas seguintes que esse “paraíso” contrastava com a situação da grande parte de sua população, a qual 60% era analfabeta, não tinham saneamento básico, e criticava uma desigual remuneração aos técnicos estrangeiros que residiam no país, fomentando assim um xenofobismo.

“Como explicar que um império com tamanho poderio econômico e militar tenha sido abalado, quase ao ponto de ruptura, por uma rebelião popular comandada por líderes religiosos muçulmanos, cuja única arena real é seu próprio fanatismo?” (VEJA, 1979, p.37). Eis o grande questionamento da edição, e que já vem tentando entender o periódico desde que as manifestações e a situação no Irã ficaram mais críticas. Parece-nos claro, a essa altura, que a insatisfação popular do povo iraniano vem de um acúmulo de erros governamentais do xá ao longo de seu reinado. A política de favorecimento das elites e excludente a grande parte da população culminaram no fervor reacionário popular. Entretanto, a revista mantém o rótulo de fanáticos ao fazer referência aos religiosos e não rotula, apenas reporta, os atos do xá e suas arbitrariedades ao longo dos 37 anos de reinado.

“Os religiosos são os veículos da insatisfação popular porque não há Parlamento, imprensa ou sindicatos livre no Irã”, disse a *Veja* o professor de Filosofia Parian Sharygan, da Universidade de Teerã. (VEJA, *idem*). Ao trazer a análise especializada acima, *Veja* conclui que

“na realidade, os líderes muçulmanos xiitas têm uma tradição de rebeldia desde que se separaram dos muçulmanos sunitas (ortodoxos), no alvorecer do islamismo.”

Ao lembrar que a situação estabelecida no Irã de 1979 deve-se, em grande parte, as reformas modernizadoras e ocidentalizantes chamadas de “Revolução Branca”, iniciadas em 1963 por Pahlavi, *Veja* aponta que “os ayatollahs, inimigos intransigentes de qualquer evolução, nunca conseguiram exercer influência ao nível de governo” (VEJA, *idem*). Mesmo que essa prerrogativa fosse assegurada na constituição desde 1906. Ou seja, os religiosos, nas palavras da revista, eram atrasados e contrários aos benefícios da modernidade ao país.

O Irã sem o xá

A capa da edição 541 de 17 de janeiro de 1979 trazia a imagem de um homem com trajes militares e com uma expressão de derrota, melancólico. Ao fundo, uma multidão comemorava, não com alegria, mas com expressões de raiva e erguendo suas mãos com os punhos cerrados para o alto. No rodapé, com letras grandes e com o fundo vermelho os dizeres “O Irã sem o xá”.

A edição trazia a reportagem de capa, na sessão internacional com o título: “Um império no chão: abandonado pelos Estados Unidos, o xá anuncia que deixará o Irã. Com a monarquia iraniana desabando, a instabilidade ronda uma região vital do mundo”. (VEJA, 1979, p.28). E por vários momentos durante este exemplar, *Veja* reitera os malefícios e os benefícios as potências ocidentais do fim da monarquia Pahlavi. Também faz considerações a questão da disputada bipolar entre a então União Soviética e os Estados Unidos, conflito conhecido como Guerra Fria e que fazia do Irã, pró Estados Unidos, um ponto estratégico para os estadunidenses no jogo de forças com os soviéticos, tendo em vista os cerca de 2500 km de fronteira que o Irã fazia com a URSS.

Obviamente as análises recaiam sobre a questão econômica no tocante aos fornecimentos de petróleo iranianos. Especialistas estadunidenses faziam seus prognósticos numa eventual formação governamental antiocidental e dirigida “pelo fundamentalismo muçulmano”, o qual, segundo a revista “seria indigesto para negociar”. Além das análises as conseqüências os países americanos e europeus, havia igualmente preocupações regionais, exemplos de Paquistão e Turquia que, lembra o periódico se inserem como “tradicionalmente aliados do Ocidente”. (VEJA, 1979, p.29).

“E o jogo do Irã, para todo o mundo, tem conseqüências pesadas. Com formidáveis 6 milhões de barris que, épocas normais, jorram por dia em seus campos de petróleo, o Irã representa um papel de relevância na economia mundial, especialmente para os países ocidentais”. (VEJA, *idem*)

Entretanto, na nesta edição, em nenhum momento, a revista faz uma análise das conseqüências sociais da queda da monarquia, e nem faz um balanço dos números de civis que padeceram nos combates contra o moderno exército do xá. A preocupação recai, inteiramente, as conseqüências no tocante a um embargo no fornecimento de petróleo e questões de ordem geopolítica e política internacional. Pouco é citado, inclusive, sobre questões religiosas a não

ser a possibilidade de o futuro governo ser ligado ao Islã e assim comprometer as relações internacionais, sobretudo com os Estados Unidos. E lembra que o aiatolá Khomeini estaria de malas prontas para voltar do exílio assim que Mohamed Reza Pahlavi saísse do país.

Considerações finais

Com a pesquisa podemos perceber como um veículo informativo constrói representações sobre dado fato tendo uma visão parcial e unilateral dos acontecimentos. *Veja*, ao retratar as tensões do período pré-revolucionário até a queda da monarquia em 1979 desconsidera as diversas intervenções das potências ocidentais na história iraniana e analisa tais fatos a partir dos eventos supracitados imediatos, assim, passando aos seus leitores uma visão homogeneizadora e, algumas vezes, depreciativa do povo do Irã.

Outra consideração importante de ser frisada se deve ao caráter revanchista antiamericanista, o qual é extremamente explorado pelo conteúdo do semanário. Diversas vezes *Veja* utiliza ironicamente termos como "*grande satã*", "*demônio americano*", o "*lobo americano*" etc., para fazer menção de como os iranianos vêem os Estados Unidos. Entretanto, não explica de onde vem esse rancor declarado aos americanos. Não lembra, aos leitores, por exemplo, as diversas intervenções estadunidenses ao Irã, impondo um modo de vida alheio ao iraniano.

Para Said,

[...] "a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados, de modo que o "nosso" Leste, o "nosso" Oriente possa ser dirigido e possuído por "nós" (SAID, 2003, p.17)

Seguindo o perfil irônico e sarcástico, *Veja* também faz referência a elementos iranianos de maneira desagradada. Em certas edições subsequentes, chama e rotula os religiosos xiitas iranianos de turbantes, em uma referência a uma espécie de chapéu, ou proteção da cabeça, a qual os iranianos utilizam, não apenas como adorno estético, mas como utilitário de proteção contra as fortes temperaturas comuns no clima de países do Oriente Médio.

A ironia é um poderoso recurso de formação de opinião. Além de lutar para definir uma agenda pública e os critérios de relevância do conhecimento – o que vale a pena saber –, *Veja*, ao usar a ironia, exercita o poder de dizer: "isto é imoral, grotesco ou simplesmente ridículo; e você, leitor, evidentemente não pensa (não pode pensar) diferente de nós, pois pensar diferente de nós tornaria você imoral, grotesco ou ridículo". (BENETTI, 2007, p. 42)

"*O xá de turbante: messiânico e intratável, Khomeini reina como o novo czar dos iranianos*". Este é mais um título das reportagens de *Veja* na edição 584. Novamente o semanário faz uma análise biográfica do líder iraniano atribuindo-lhe adjetivações como intratável ancião de Qom, explicadas ao longo da reportagem que segue. Pode-se observar de imediato que poder e religião novamente se entrelaçam nas abordagens do periódico.

“Há quem nunca o tenha visto sorrir em seu reduto em Qom, a cidade sagrada, a 150 quilômetros de Teerã – repleta de mesquitas e que se orgulha de não possuir uma única antena de TV agredindo seus horizontes em um único cinema a ameaçar com impurezas a mente de seu povo. Dali, a figura messiânica do aiatolá, 80 anos, longas barbas brancas, o olhar esquivo e opaco sobre sobranceiras cerradas dirige sua delirante revolução iraniana”. (VEJA, 1979, p.41)

Além de atacar de forma explícita o líder religioso, o retratando como casmurro e aferrado, o periódico classifica estranhamente elementos comuns para os ocidentais, como televisores, e sua programação, antenas parabólicas, cinemas, etc., ausentes naquela cidade. A cidade de Qom, portanto, é retratada, na reportagem, como um lugar exótico e estranho ao olhar ocidental, desta maneira, com certa inferioridade às outras cidades aonde, elementos da cultura ocidental são comuns e, até mesmo parecem, imprescindíveis.

Segundo Figueiredo, cometem-se alguns equívocos ao analisar culturas como a islâmica e de povos muçulmanos,

“O primeiro equívoco comum entre os ocidentais cristãos é considerar todo islâmico um extremista suicida e, por extensão, um terrorista em potencial... O segundo equívoco, é até mais freqüente que o primeiro, é julgar que todos os muçulmanos são árabes, quando a maioria, na verdade, é formada por povos não árabes. Somando-se um erro ao outro, produz-se uma generalização tão deformada quanto à de alguém que supõem que todos os católicos são irlandeses e, portanto, todos são radicais”. (FIGUEIREDO, 2008, p. 57).

Lembra Maria Inez Arantes, ao analisar as representações construídas pelos Estados Unidos do Irã logo após a Revolução iraniana de 1979 que, “identificar a República Islâmica como perigosa e instável agora se tornava fácil aos Estados Unidos, recém expulsos do seu protetorado e desprovidos de suas concessões territoriais e estratégicas”. (ARANTES, 2004, p.89).

Portanto, com as pesquisas até então realizadas e observando os exemplos acima citados, que já evidenciam a parcialidade do discurso divulgado na revista nessa construção do *Outro*, propomos este estudo para melhor compreender como um veículo midiático impresso pode construir representações de uma sociedade e sua cultura com, a nosso ver, simplificações e reducionismos, através de um discurso que vincula tal sociedade e seus costumes com ações de violência, ao fundamentalismo religioso, ao antiocidentalismo e, principalmente, ao terrorismo de estado. Cabe ressaltar que este estudo não termina aqui. Na verdade exige, sem dúvidas, uma continuada pesquisa para abranger mais categorias de análise, bem como levantar novas hipóteses e problemáticas com relação ao objeto de pesquisa aqui escolhido.

Nas palavras do escritor Marco Lucchesi,

O desafio intelectual deste século reside no fim de uma visão parcial e negativa de que são vítimas as culturas do Oriente diante de nossa arrogância intelectual. Se o Ocidente é Acidente, e não Destino, se é Parte, e não Todo, como pode outorgar a si mesmo a condição de Leitor ideal do que se passa nas areias do Tchad ou nas mesquitas da Caxemira? (LUCCHESI, 2002).

Desta forma, os países ocidentais não podem se furtar a reconhecer que é justamente no Oriente Médio que se encontram as maiores reservas de petróleo do mundo. Assim, precisam manter-se próximos a tais recursos, usando seus mecanismos para arquitetar sua permanência nesses territórios. Nesta conjuntura, o Brasil, apresenta-se, ao longo destes sessenta anos de efetiva relação com países do Golfo Pérsico, oscilante. E isso, passa, em nosso prisma, pela relação atrelada a política externa estadunidense.

Assim sendo, podemos perceber que a revista se posiciona de forma alinhada ao dialogo estadunidense mantendo constantemente presente em seu discurso a ilegalidade dos atos iranianos. Ocultando o apoio norte-americano ao governo do xá, passa a seus leitores que o antiamericanismo iraniano não tem base e nem sentido, assim configurando um país violento, irracional e extremista.

Recebido em 1º de junho de 2013, aprovado em 11 de setembro de 2013.